

**SOCIEDADE LETRADA:**  
**FORMAÇÃO DO CIDADÃO CONSCIENTE E CRÍTICO**

**JESUS, Gizelia Dantas de**

gilletras08@bol.com.br

**LIMA, Aline Rolemberg**

alinelima\_aju@hotmail.com

**LIMA, Gisele Rolemberg**

giselelegal@hotmail.com

**ARAUJO, Maria José de Azevedo.**

Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras-Português da  
Universidade Tiradentes-UNIT.

[azevedo1956@bol.com.br](mailto:azevedo1956@bol.com.br)

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é mostrar resultados obtidos através de pesquisa bibliográfica e aplicação de plano de aula em sala de aula dentro da disciplina de Língua Portuguesa. Tecendo considerações acerca do processo da formação do leitor da conquista do hábito da leitura no contexto do ambiente escolar. Procura ainda discutir e aprofundar, as concepções dos autores que tratam da questão do processo de aquisição do gosto pela leitura historicamente, para discutir a prática pedagógica de leitura e suas conseqüências no processo de formação do leitor. O trabalho concretiza-se basicamente como um estudo para analisar os fatores que exercem influência sobre o interesse de leitura, o ensino eficaz da leitura. Trata-se da introdução da informática e da telemática na educação. Segundo José Manuel Moran o ensino e a aprendizagem inovadoras com tecnologias audiovisuais e telemática, aborda o

ensino e a aprendizagem. Outra proposta subsidiada por referências teóricas e práticas apresentada pela professora doutora Marilda Aparecida Behrens, traz proposta metodológica que constitui-se de uma reflexão e de uma proposição sobre a ação docente que venha atender as exigências deste novo paradigma progressista, uma visão holística e o ensino com pesquisa, que, tal uma teia, se interconectam emergente. Advinda da experiência inovadora, propondo um contexto didático que subsidie uma aprendizagem colaborativa na era digital. Na tarefa de organizar atividades que favoreçam a aquisição da leitura e escrita, o professor deve buscar embasamento nos estudos sobre psicogênese da alfabetização de ferreiro e Teberosky na fonética, na lingüística. Com estes conhecimentos, chega-se a compreensão de que saber ler não é apenas conhecer o sistema alfabético da língua escrita, mas também saber ler criticamente, reconhecendo diferentes tipos de texto.

**PALAVRAS – CHAVE:** Sociedade; Cidadania; Formação de Leitor.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is showing the results gotten through bibliographical research and application immediate of class plan in classroom inside of disciplines of Portuguese Language. Weaving considerations about the process of formation of the reader and the conquest of the habit of the reading in the context of the school's ambient. Search still to argue and to go deep the conceptions of the authors who deal with the question of the process of acquisition of the pleasure for the reading, to argue pedagogical practice of the reading and the consequences in the formation process of the reader. Basically the work is implemented as the study for analyze the factors that exert influence on the reading interest, the efficient education of the reading process. One of these factors is about the introduction of computer science and the techniques and services of distance communication involving modern information systems to telecommunications in the education. According to Jose Manuel Moran, the teaching and learning innovative and the learning with audiovisual technologies and *telemática*, approach education and learning. Another proposal subsidized by theoretical and practical references presented by the teacher doctor Marilda Aparecida Behrens, brings methodological proposal that consists of a reflection and of a proposal on the teaching action that comes to take care of the requirements of this new progressive paradigm, a holistic vision and the education with research, that, such a web, if they interconnect emergent. Coming from the innovative experience, considering a didactic context that subsidizes a collaborative learning in the digital era. In the task to organize activities that assists the acquisition of the

reading and writing, the teacher must search basement in the studies on psicogênese of the literacy of Ferreiro and Teiberosky in the phonetic and linguistics. With these knowledges, we come to understanding of that know how to read is not only knowing the alphabetical system of the written language, but also to know how to read critically, recognizing different types of text.

**KEYS-WORD:** Society, Citizenship, Formation of the reader

## **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa visa abordar o despertar do gosto pela leitura na modalidade do ensino fundamental, de um modo geral que observa-se, quando do processo de aquisição do hábito da leitura, e por assim dizer, o da formação do leitor habituais e competentes. A capacidade de ler essencial a realização pessoal, e, hoje em dia, é cada vez mais aceita a premissa de que o progresso social e econômico de um país depende muito acesso que o povo tem aos acontecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

Justifica-se a escolha para desenvolver as habilidades de reconhecer letras e palavras em uma criança ou um adulto. Leitores iniciantes, independentes da idade, poderão ficar desencorajados se a leitura não fizer parte do seu ambiente cultural ou não encontraram ao seu alcance livros afinados com os seus gostos.

O prefácio da informática e da telemática na educação é de grande valia no gosto pela leitura, sob diversos ângulos: é a tecnologia atual, que não pode estar ausente da escola; são os grandes projetos de informatização dos sistemas escolares por meio da colaboração de computadores nas escolas: é a idéia muitas vezes aparecendo na mídia, em forma de marketing de algumas instituições, de que com laboratórios instalados nas escolas tem automaticamente cursos melhores e problemas educacionais resolvidos;

## 1 A SOCIEDADE LETRADA

### 1.1 A Leitura

No estudo de texto, o primeiro passo a ser dado, após a definição do texto, é a leitura. Todo e qualquer texto para ser bem interpretado pede mais de uma leitura. Esse primeiro contato com o texto é de fundamental importância, pois dele depende a motivação para o estudo. A motivação para a leitura tem sido discutida por professores e lingüistas incansavelmente.

Alguns consideram a leitura silenciosa como uma obrigação, no primeiro momento; outros passam para o professor essa responsabilidade, visto que uma leitura expressiva motivaria os alunos a uma leitura mais eficiente. Nem uma nem outra corrente parece ter razão suficiente, pois a leitura, que é realizada pelo professor em sala de aula, que é feita individualmente, está sujeita às circunstâncias e às motivações do momento.

A definição da espécie de leitura tem outro determinante: o seu objetivo. – Para que se lê? Se a leitura visa ao prazer estético, ou ao prazer lúdico, provavelmente o leitor ficará satisfeito com uma única leitura; se, no entanto, o leitor busca conhecimento específico, o texto terá que ser estudado outras e outras vezes, até que este leitor se aproprie das idéias contidas no texto.

A língua é um veículo de comunicação que nos possibilita estar em contato com o mundo, por isso se faz necessário conhecê-la de modo particular, através do ato de ler para que possamos alcançar os resultados dos aspectos concretos do texto que resultam da leitura.

O prazer que descobrimos com a leitura leva-nos a experimentar diversas sensações, ricas, inimagináveis e até mesmo essenciais à vida humana. Pelos diversos textos penetramos no inconsciente da nossa razão desvendando mistérios, medo angustia traumas que nos cercam. È na leitura que está à chave que abre as portas rumo à ampliação da visão do conhecimento de mundo e à formação de um pensamento crítico. Como destaca SILVA (1990, p.32): "[...] A leitura, enquanto um elemento fundamental do processo de ensino é, também sem dúvida, um poderoso meio para a compreensão e transformação da realidade."

O ato de ler oferece a possibilidade de uma livre participação social do homem na sociedade, transcendendo de forma reflexiva, crescendo progressivamente e ampliando o seu

entendimento das coisas que o cercam. Nesse aspecto, a leitura representa um instrumento de grande poder nas mãos daqueles que a detêm.

Numa sociedade letrada, cabe à escola o papel de ensinar a criança a ler e escrever com competência, formando cidadãos conscientes e críticos. Deve-se tornar tão somente um pólo cultural na qual o conhecimento sistematizado possa ser adquirido pela sociedade e deve estar vinculado à realidade, proporcionando ao individuo um leque de possibilidades de atuação no mundo em que vive.

Ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas series de relações e em um novo modo de perceber a quem me cerca. Quando leio sou, pois, criadora, uma transformadora de ordem, Sempre. E não existe revolução maior de que se opera em todo ato de fala ou de leitura. (VARGAS, 1993.p 12):

A leitura tem sido instrumento de grande importância, pois durante nosso dia-a-dia interagimos freqüentemente com os textos escritos cujas leituras são condições para obtenção de informações relevantes. Em um contexto ainda maior, a leitura possui um poder conscientizado, uma vez que deve ser entendida não como mera atitude passiva, mas como uma construção ativa, tornado-se um instrumento de transformação social. Assim sendo, têm-se motivos de sobra para acreditar que a escola não deve abrir mão da prática da leitura em sala de aula. Conforme observam BRANDÃO & MACHELETTI (1997, p.22): "A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos.

A leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constituída de sujeitos capazes de interagir com o mundo, e nele atuar como cidadãos...A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade... Cabe à escola o desafio da formação desse leitor." Deste modo, pode-se entender leitura também como algo bastante amplo que é o que chamamos de leitura de mundo.

Uma criança, por exemplo, que vê bons filmes, desenhos animados, lê livros, participa de atividades variadas, que canta, dramatiza, enfim que utiliza as várias linguagens, amplia seus horizontes, sua visão. Quanto mais experiências ela tem, mais ela amplia sua leitura de mundo. Portanto mais importante do que ensinar vogais, e alfabetos nas classes iniciais do

Ensino Fundamental são expor os alunos ao contato com a língua escrita com a com diferente tipos de linguagens, pois é a partir daí que ele aumentará sua compreensão, poderá fazer múltiplas leituras do mundo que o cerca como diz FREIRE (1986, p.22):

"[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Na visão do ilustre educador, antes de ler a palavra, a criança já lia o mundo através de gestos, olhares, expressões faciais, do tato, do cheiro etc. Uma boa leitura de mundo abre um espaço enorme pra que a leitura da palavra seja um processo natural, isso se forem dados à criança oportunidades de diálogo num procedimento interativo onde ela poderá ampliar e transformar suas idéias, sendo também capaz de compreender a realidade.

Como toda leitura é uma construção de sentidos, as crianças procuram construir sentido para o mundo que as rodeiam, e assim passam a perceber relações de afeto, manifestar preferências e rejeições. Neste sentido, antes de se tornar leitor de palavras, a criança já vivenciou diversas leituras de mundo.

Deve-se ressaltar também que toda leitura deve ser feita de forma crítica. Ao leitor e cidadão crítico compete não apenas compreender, mas refletir e idealizar uma realidade diferente, no sentido de transformá-la. Pois um cidadão consciente não procura em um texto apenas a sua decodificação, mas procura através da leitura crítica construir seu próprio texto. A perspectiva é que o educando seja capaz de construir a sua leitura e não apenas confirmar a leitura do professor, porque a leitura do aluno é a manifestação de sua leitura de mundo e de sua leitura de vida. Como se vê, a leitura crítica é geradora de expressões.

Ler é realmente fascinante, é desvendar segredos, é estimular pensamentos, é transformar idéias, por isso, não se deve esquecer que a leitura não é uma pratica neutra, pois entre o leitor e texto estão envolvidos questões culturais, políticas, históricas e sociais, como afirma ORLANDI (1988, p.11): "Isso mostra como a leitura pode ser um processo bastante complexo e envolve muito mais a habilidades que se resolvem no que imediatismo da ação de ler. "Saber ler é saber o que o texto diz e o que não diz."

## **2. A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO E O PRAZER DA LEITURA**

Compreender o universo de interlocução entre leitor e autor é uma estratégia que poderá ampliar nosso espaço de mediação no que diz respeito às dificuldades de interpretação de textos dos alunos. Para KLEIMAN (1997),

a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apóia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos interagentes à distância via texto escrito (p. 10).

Esta reflexão nos mostra que um texto não tem significado exclusivamente por si mesmo. O seu sentido é construído na interação entre produtor e leitor. A autora defende que a compreensão do texto parece frequentemente tarefa difícil uma vez que o objeto a ser compreendido é complexo envolvendo conhecimentos como compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, de ações e motivações.

Há um grande repertório de portadores de texto em nossos dias e diversos deles são de fácil acesso público como jornais, revistas e mesmo livros, que podem ser encontrados em bibliotecas públicas e escolas. No entanto, a habilidade de compreender um texto e interpretá-lo vem ainda representando uma dificuldade para um grande número de crianças.

Muitos educadores acreditam que crianças que convivem com um meio letrado, sendo estimuladas a ler, possuem maiores e melhores condições de desenvolver sua criticidade em seu entorno social. Contudo, numa sociedade onde estão presentes a injustiça, a desigualdade, a miséria e a fome não é difícil encontrar pessoas que não têm acesso à informação sistematizada, aos diversos conhecimentos produzidos preferencialmente no interior das escolas. Se questionados os educadores dirão que atualmente é dever da escola promover a democratização da leitura. Entretanto faz-se necessário analisar como vem ocorrendo a circulação dos textos no ambiente escolar e a produção de sentido sobre os mesmos. Observa-se certa rigidez e controle sobre o ato de leitura e interpretação dos textos na escola.

A escola, que se pretende democrática, na verdade, também exclui, pois mesmo o alunos que têm acesso a ela sofrem, muitas vezes, um tipo velado de exclusão. Isso porque a inscrição do sujeito leitor se faz controlada e dirigida. Ele é instado a confessar aos outros a sua leitura e a corrigi-la na direção do consenso. Dessa forma, pode-se observar um controle do imaginário que se faz continuamente em nome da aquisição do conhecimento. Daí resulta um conhecimento construído sem imaginação e sem investimento pessoal do leitor (PAULINO, WALTY, FONSECA, CURY; 2001; pág. 27).

A citação anterior respalda a percepção de uma cultura "velada" de exclusão, onde a prática de leitura, da linguagem oral e gráfica são pensadas, trabalhadas e avaliadas a partir de elementos controladores que ferem o significado das mesmas, enquanto manifestações de livre expressão dos sujeitos. Historicamente convivemos nos espaços escolares, com sinais bem marcados que denunciam o ciclo da exclusão: inicialmente, a exclusão se dava logo na entrada, não havia acesso à escola para todos. Depois a evasão seguida da retenção passaram a corporificar a exclusão. Segundo BETTELHEIM (1984),

Boa parte dos procedimentos cotidianos das escolas são concedidos por causa das necessidades do sistema educacional estabelecido, e essas necessidades, freqüentemente, prevalecem sobre as necessidades das crianças.(p. 17).

Reportando ao objeto da pesquisa, as chamadas "dificuldades de interpretação" podem se conseqüentes de projetos (atividades) esvaziadas de sentido para as crianças mas que, respondem às "exigências do sistema". Percebemos que existe um grande esforço por parte de alguns educadores em desenvolver estratégias que amenizem as dificuldades interpretativas dos alunos. Neste aspecto, BETTELHEIM diz da importância do prazer para a construção do sentido / significado do que a criança lê para depois, e/ou paralelamente, ela possa interpretar, significar, estabelecer relações. Continua o autor,

[...] a capacidade de ler é de importância tão singular para a vida de uma criança na escola, que a sua experiência na aprendizagem da leitura mais do que freqüentemente, sela seu destino, uma vez para sempre, em relação a sua vida acadêmica. Se a leitura parecer uma experiência interessante, válida... (21).

Para a formação integral do ser humano faz-se necessário a formação de conceitos, sendo esta, por sua vez, dependente dos padrões de interpretação a ele oferecidos. Segundo CADEMARTORI (1986), as diferentes manifestações culturais constituem-se em padrões de interpretação. Entre elas, destaca-se, seja pela alta elaboração própria do código verbal, seja pelo envolvimento emocional e estético que propicia, a literatura (p. 22).

Acreditando-se, então, no enriquecimento propiciado pela experiência estética vemos um grande número de educadores buscando o texto literário, acreditando em suas possibilidades de aliar o prazer da leitura à produção de sentido pelos educandos. Busca-se novamente as contribuições de BETTELHEIM acerca da importância da literatura na formação do aluno, na significação do seu cotidiano dentro e fora do ambiente escolar. Para ele,



a observação de como a criança se perde no mundo e esquece todas as suas preocupações quando está lendo uma história que a fascina, como ela vive, em fantasia, o mundo dessa história mesmo bem depois que ela terminou de ler a história, isto tudo nos mostra como é fácil para as crianças ficarem presas aos livros, contanto que eles sejam os livros apropriados.(1984; p. 49)

### **3. A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Constantemente os educadores envolvidos no ensino de leitura são confrontados pelas seguintes indagações: Como formar leitores? Como estimular na criança o gosto e o hábito de ler? Essas questões são importantíssimas e estão intimamente ligadas aos problemas enfrentados por todos os envolvidos na formação de leitores nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Quando temos respostas claras a elas, a tarefa de tornar possível o aprendizado da leitura fica muito mais fácil e adequada. No entanto, encontrar resposta tornar-se difícil se não uma reflexão prévia sobre outras duas perguntas: Como formar leitores? Para que os formamos? Conseqüentemente para se compreender como formar leitores é necessário saber que tipo de leitores pretende-se formar e com que finalidade.

Percebe-se então que em outros tempos as coisas se deram de modo diferente, que não se compreendiam a formação de leitores do mesmo modo que entendemos hoje. Que eram atribuídas finalidades diferentes daquelas que hoje atribuem a prática da leitura. Quando um educador adota certas práticas e metodologias para ensinar leitura, poderá estar dando continuidade a antigas concepções e formação de leitores, com as quais muitas vezes ele mesmo não concorda.

Busca-se aqui colocar em foco essa prática antiga de ensino da leitura para então chegar ao momento atual. Acredita-se que, refletindo sobre o nosso passado, é possível dar àqueles envolvidos no ensino da leitura, uma oportunidade para refletir sobre nosso presente e futuro, levando-os a se questionarem como formar leitores nos dias de hoje, e para que os formem. O alvo das preocupações docentes é o produto da leitura e como estão sendo trabalhadas as suas estratégias. As pesquisas e os estudos têm-se voltado para a focalização desse processo.

As estratégias de leitura, em algumas escolas, estão sendo deixadas em segundo plano, por serem tratadas como uma espécie de enigma. O número de alunos que lêem sem saber o que estão lendo é considerável dentro das instituições educativas. Isto porque a leitura torna-se extremamente essencial ao desenvolvimento social do homem, primando para sua

liberdade de ir e vir. Ela é o alicerce da própria formação para a cidadania. É a base para aquisição de outros conhecimentos, de novas conquistas e saberes exigidos pelo mundo globalizado.

Tantas mudanças científicas e tecnológicas conduzem para necessidade de poder desenvolver-se e a partir daí, desenvolver a competência de aprender a aprender, adequando os métodos de ensino a essa necessidade, garantindo assim, uma auto-aprendizagem, para uma educação permanente e contínua.

A escola, por outro lado, deve ajudar o desenvolvimento das atitudes relativas aos múltiplos saberes. Estimulando o estudante a aguçar o seu espírito crítico, ensinando-lhe o respeito pelas diferenças das coisas, idéias, culturas, histórias e, principalmente o respeito às potencialidades originais de cada um. O Grande objetivo da escola é a formação do homem. Contribuir seguramente com a tarefa da construção da personalidade humana devendo assumir o papel de revalorização do saber. Para isso, necessita dispor de meios que sejam eficazes para a eficácia dos objetivos: a aprendizagem. Garantindo os todos a democratização da verdadeira educação.

A Formação do professor é um dos passos seguidos como forma de transformar a escola em novo espaço, aberto para a construção do indivíduo com disposição, coragem, dedicação, preparo pedagógico e, sobretudo, amor. Sim amor pelos livros, alunos, escola, por aquilo que faz diariamente na sua profissão docente. E desta forma ele estará garantindo um resultado satisfatório nesse jogo de descobertas.

Formar leitores competentes não é mais um sonho impossível de se concretizar. Muito pelo contrario, ele esta cada dia, mas real; motivar o prazer pela leitura não é uma das tarefas mais fáceis, contudo, é uma das muitas gratificantes que podem existir, através dela compartilhamos de um clima de cumplicidade entre texto, professor e aluno.

O Professor e um dos principais agentes de mudanças nesse processo de leitura. Ele deve assumir o desafio trazendo à tona sempre novas propostas de ação pedagógica, amparando-se, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de acordo com as necessidades dos estudantes de sua escola. Nos tempos recentes, observa-se a escolarização da literatura infantil e o incentivo a uma dinamização do ato de ler, através da diversidade dos modos de leitura e dos gêneros dos textos infantis.

Hoje a formação de leitores é vista como ato de desenvolver um sujeito apto a ler, compreender, criticar e participar da construção de um mundo melhor. Formar um leitor é formar um co-participante do texto. No tocante à cumplicidade entre professor e aluno, no processo educativo, afirma FOUCAMBERT (1994): "O ato educativo fundamental é aquele que estabelece, entre o professor e seus alunos, a busca conjunta de uma situação que favoreça o avanço da produção de conhecimento para todos".

Vê-se, portanto, que a formação de leitores é resultado da união de todos os interessados na educação. FOUCAMBERT (1994) afirma também que toda a atuação para a formação do leitor inicia-se e é constantemente acompanhada por um conjunto de informações sobre a natureza da leitura e o que a ela esta relacionada. Ninguém se torna leitor sem querer, mas somente através de um processo voluntário, amparado por diversas tomadas de consciência sobre as condutas de leitura e a importância dessa leitura para a vida de cada um.

A formação do leitor tem viabilidade a partir de um processo de caráter libertador onde o educando é conscientizado sobre o material escrito sendo que este material deve ser do seu agrado e fácil à sua compreensão. Levando-se em consideração para se formar um leitor, deve-se motivar neste o gosto pelo material escrito, para que o ato de ler seja uma pratica prazerosa, como afirma CLEIMAN (1993 p 116): "Nenhum individuo gosta de fazer aquilo que é difícil demais nem aquilo do qual não se consegue extrair o sentido (...) Assim, é a leitura para a maioria dos alunos. Uma atividade "Maçante, cansativa, travando o caminho ate o prazer".

Ensinar a ler implica também ensinar o alfabetizando a fazer uso de suas hipóteses com relação ao texto e formula o seu próprio texto. Não deve jamais ser um ato obrigatório que de certa forma aprisiona, pois o próprio ato de aprender a ler deve ser visto como um caminho aberto para a liberdade, caminho este será trilhado mais facilmente pela criança quando ela possui um estímulo familiar que lhe mostre os benefícios do ato de ler.

A escola atual não deve esquecer de sua função principal que e a de formar cidadãos conscientes, por isso, o correto seria que ela fosse o ambiente onde se aprende a ler e a escrever, formando o leitor critico capaz de buscar em um texto os múltiplos sentidos que ele possui. O ideal seria que a escola fosse o espaço privilegiado da construção de leitores críticos e abertos às varias possibilidades de sentido existentes em um discurso.

A Formação de um leitor competente é também a formação de um ser sensível, inteligente e aberto para aprendizado constante que tem como forte ponto de sustentação o espaço escolar. No momento em que a escola passa a ser um ambiente favorável ao ato de ler, a tarefa de formar aluno / leitor se torna mais fácil. Portanto, é de suma importância que as instituições de ensino tenham uma infra-estrutura adequada no sentido de promover a leitura entre as crianças.

Grande parte dos estudantes, das classes sociais mais baixas, só consegue entrar em contato com materiais de leitura, quando freqüentam a escola. Mais infelizmente muitas instituições de ensino não têm funcionado como ponte de ligação entre o aluno e o livro, pois algumas não possuem livros e nem um espaço para que os estudantes possam ler entusiasmar-se, alegrar-se no contato com um livro que seja.

### **3.1 Aplicação cotidiana das práticas de leitura**

Ler é uma atividade de maior significado do que se pensa já que imaginação, interesse, curiosidade, observação e estímulo são condições básicas para que as palavras sejam lidas com um propósito maior do que o de decifrar códigos, unir letras para saber os significados que elas produzem ou os sons que emitem juntas. Porém, para que uma criança se torne um leitor é importante ouvir histórias. ABRAMOVICH afirma: "ouvir histórias é o início da aprendizagem para se tornar um leitor... O primeiro contato da criança é feito oralmente". (1997; pág. 16)

Observa-se, no entanto, que ouvir histórias, no contexto escolar, está relegado a um segundo plano. Duas das três professoras entrevistadas acreditam que é o contato da criança com o livro, seu manuseio pelo aluno, que podem despertá-lo para a leitura. Já a terceira professora acredita que se deve investir no imaginário da criança, iniciando-a no mundo da leitura através do conto. Para ABRAMOVICH (1997),

[...] ler histórias para crianças, sempre, sempre... é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões... É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos... É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes... é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (p. 17)

Observa-se que, quando se trata de crianças que já sabem ler, os professores acreditam que seu desenvolvimento como leitor está diretamente relacionado à leitura pelo próprio

aluno, portanto, o conto para esses alunos é raramente utilizado pelo professor. Apesar disso, os alunos demonstraram grande prazer e atenção nos momentos em que o professor utilizou o conto em suas aulas. " Não devíamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação". (ABRAMOVICH apud ELIZAGARAY; 1997; p 23). Priorizando, então, a leitura pelo próprio aluno o professor procura meios para determinar a eficiência dessa leitura ou não, ou seja, a interpretação que é dada pelo aluno ao objeto lido.

Em relação à interpretação verificou-se que a forma mais freqüente dos professores cobrarem a leitura do livro pelo aluno é através do reconto e dos questionários que incluem questões sobre fatos e personagens das histórias. Em certos momentos observa-se a utilização das histórias lidas em atividades gramaticais. Tais formas de verificação da compreensão acabam se tornando mecânicas pois são sempre os mesmos tipos de questões e não chegam a despertar o aluno para o verdadeiro conhecimento. Os alunos estão tão acostumados a atividades desse tipo que não chegam a mergulhar no universo literário, procurando se aprofundar no texto e dar uma ressignificação à sua leitura. Muitas vezes, as próprias crianças tem consciência de que tais atividades são corriqueiras e, portanto, não se sentem estimuladas.

"A escola, ao impedir que os objetivos, iniciativas e estratégias de leitura sejam dos próprios leitores / alunos, pode afastá-los do processo de produção de sentido e, conseqüentemente, do universo dos livros". (PAULINO, WALTY, FONSECA, CURY; 2001; p. 27)

Abramovich critica este trabalho de leitura como vem sendo formatado pelas escolas. Dentre as principais críticas estão a falta de liberdade do aluno na escolha do livro, que acaba por ser proposto para a sala inteira e segundo alguns critérios duvidosos (pronta entrega); textos muitas vezes usados apenas para trabalho da gramática normativa; e o fechamento de prazos para entrega dos resumos e das fichas que direcionam as interpretações. A autora afirma que,

[...] ler uma história também desenvolve na criança um potencial crítico. A partir daí, ela pode questionar, perguntar, duvidar, desde que não seja apenas uma vez por ano, fazendo parte da rotina da escola. Ela acaba por formar opiniões, formular critérios, gêneros e etc. (ABRAMOVICH; 1997; p. 143).

Contudo, as propostas contidas nos livros didáticos são, na sua maioria, pobres de informações culturais e possuem caráter utilitarista. A mesma autora enfatiza que a escola

vem escolarizando os textos literários, na tentativa de trabalhar valores morais em detrimento ao ler pelo prazer da leitura. Ela ilustra suas reflexões com sua vivência dizendo:

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH; 1997; p. 14)

Percebe-se que o prazer da leitura não está sendo priorizado pela escola, a idéia de que a leitura deve transmitir conhecimentos aos alunos está tão arraigada no contexto escolar que até mesmo os alunos citam que o melhor no ato de ler é "ficar bom para ler", ou "o melhor é quando aprendo", ou ainda "porque a gente pode ler para aprender e passar de ano, para aprender bem". A maioria dos alunos de diversas escolas tem a concepção de que a leitura está ligada ao aprendizado mais do que ao prazer. Percebe-se, assim, que a utilidade dos livros está veiculada diretamente ao que o aluno pode aprender com eles, e estas idéias estão sendo transmitidas aos alunos.

Dentre os diversos portadores de textos, os livros literários representam um recurso que alia: a condição de despertar prazer pela leitura associado às melhores condições de produção do conhecimento. Trata-se de uma produção cultural cuja linguagem, pelo seu caráter mais lúdico, permite uma apreensão menos racional e mais criativa do texto. Portanto, a Literatura Infantil, enquanto manifestação artística:

...propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico... (CADEMARTORI; 1986; p. 18)

Se considerarmos a literatura como um dos recursos capazes de nos levar à reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos do ser humano, o namoro entre o texto e o leitor precisa ser despertado desde a infância, com a ajuda de todos os meios, dentro e fora da escola. Relacionando, durante a pesquisa, as atividades mais frequentemente desenvolvidas após a leitura de um livro com a falta de contato dos alunos com os livros em seu ambiente familiar, verifica-se as poucas oportunidades dos alunos em escolher o que desejam ler e o direcionamento das leituras em sala de aula para um objetivo prioritário, saber se o sentido do texto foi captado pelos alunos.

A literatura, encarada dessa forma, adquiriria um perfil paradidático, seria apenas mais um instrumento útil à instituição escolar. "Adquire importância, porém, à medida que questiona os convencionalismos de interpretação e comportamento e apresenta novas perspectivas, novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais" CADEMARTORI (1986) afirma que:

...a partir desses aspectos pode-se avaliar o lugar que a Literatura infantil ocupa, hoje, no Brasil, e sua relação com o processo de democratização porque passa o país. Tendo como principal função formar gerações capazes de pensamento crítico e superar os limites de experiências já adquiridas, se constitui em um meio emancipatório que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer. (p. 19).

"A aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura" (KLEIMAN; 1997; p.7). O processo de escolarização, quando bem sucedido, possibilita à criança a descontextualização da linguagem permitindo uma interação à distância com o autor. Continua KLEIMAN:

Esse tipo de interação é essencial para a aprendizagem ou esta estaria limitada àquilo que é imediatamente acessível aos nossos sentidos. Entretanto, esse tipo de interação é vedado a grande parte das crianças, para as quais o texto escrito é ininteligível, constituindo-se no maior obstáculo ao sucesso escolar. Daí que uma questão fundamental para o ensino seja como ensinar a criança a compreender o texto escrito. (1997; p. 7)

Entretanto, a própria autora acima mencionada, comenta a impossibilidade de ensinar a compreensão, de se ensinar um processo cognitivo. O papel do professor seria criar oportunidades para desenvolver esse processo cognitivo. Uma maneira de procurar desenvolver tal competência seria investir na relação entre a interpretação do texto e a realidade. Para isso, não há melhor sugestão que as obras infanto-juvenis que abordam questões do nosso tempo e problemas universais, inerentes ao ser humano. Elas permitem iniciar uma reflexão sobre a própria vida e desencadear o debate, movendo-o para fora da sala de aula, entre amigos e familiares, próximos do leitor infantil.

As obras literárias, apresentadas aos alunos durante a pesquisa, mostraram ser um recurso capaz de despertar o interesse das crianças, que se mostraram participativas durante a realização das atividades. Verifica-se, portanto, a capacidade de tais leituras se tornarem fonte de prazer valorizando sua função crítica e social. Isso demonstra que a obra literária "suscita

uma poderosa animação da nossa sensibilidade, da nossa imaginação e do nosso entendimento que resulta prazenteira, como toda fruição estética" (CUNHA; 1997; pág. 58).

É imprescindível que se tenha prazer na leitura. Mas este prazer não é gratuito e não pode ser obtido em uma leitura superficial. Este prazer pode ser obtido durante o trabalho de interpretação, quando o leitor vai descobrindo as nuances do texto, suas armadilhas escondidas, a trama da linguagem e mistérios do texto. Assim, o prazer consiste na reconstrução, na descoberta do significado "a partir de um fio imaginário, constituído de palavras, idéias, imagens, conjecturas, hipóteses. Isso demonstra que os caminhos da interpretação são múltiplos, mas o prazer que se pode obter da leitura advém de um processo em que é preciso que se mergulhe profundamente". (PONDÉ; Projeto Veredas; Módulo 2 – vol. 1; pág. 32).

Ler um texto não é soletrá-lo, nem pronunciar uma palavra. Depois da outra. A leitura consiste, principalmente, no movimento interpretativo constante que o leitor faz de ir e voltar ao texto, para construir o seu significado. Assim, o leitor se transforma no parceiro do jogo de interpretação da linguagem.(PONDÉ, RICHE; Projeto Veredas; Módulo 1, Vol. 3; pág. 27)

Cada texto tem suas respectivas regras. Cabe ao leitor descobrir aos poucos as regras necessárias ao jogo da leitura identificando como o autor joga com as palavras, como o texto está formatado: os parágrafos, o ritmo da história, o valor da pontuação que acelera ou retarda a cena narrada. Contudo, ECO (1997) declara que: "Nem toda interpretação pode ser aceita. O leitor pode e deve fazer relações e elaborar conclusões, e para isto utiliza seus próprios conhecimentos e vivências, mas deve-se ter um certo cuidado para que não se fuja totalmente à intenção do autor para o texto lido". (p. 169).

Ele declara que existem limites para as interpretações "além dos quais é possível dizer que uma determinada interpretação é ruim e excessiva" (ECO; 1997; p. 169). "Concluir como um texto funciona significa concluir qual de seus vários aspectos é ou pode ser relevante ou pertinente para uma interpretação coerente, e quais continuam marginais e incapazes de sustentar uma leitura coerente". (ECO; 1997; p. 171).

A atividade com a Literatura Infantil desemboca num momento em que é imprescindível dar relevância ao processo de compreensão, cabendo ao professor detonar as múltiplas visões de cada criação literária. "É a compreensão que complementa a recepção,



uma vez que evidencia a captação de um sentido, estabelecendo as relações que existem entre a significação e a situação atual e histórica do leitor". (ZILBERMAN; 1998; p. 24)

Para a autora, portanto, a relação do aluno com o mundo, sua vivência, sua forma de ver os acontecimentos à sua volta podem definir a interpretação que ele dará ao texto lido. Partindo deste ponto de vista é relevante analisar o contexto familiar no qual o aluno está inserido. A pesquisa evidencia a pouca escolarização dos pais, 60% deles cursaram apenas o 1º grau, e o quase inexistente hábito da leitura por parte das famílias, onde a leitura em casa se restringe a cadernos das crianças, revistas ou à Bíblia. Dessa forma percebe-se que as crianças têm acesso restrito à cultura, ficando a cargo da escola, o movimento de ampliar a formação cultural do educando.

Um fator interessante revelado pela pesquisa está no fato de 60% dos alunos declararem que procuram a biblioteca, espontaneamente, no horário do recreio. Isto indica que se interessam pelos livros e sentem prazer em folheá-los e ler aqueles que despertam sua atenção. Este interesse que os alunos demonstram pelos livros revela que a Literatura Infantil é um tipo de produção capaz de seduzir o leitor, estabelecendo-se pactos de leitura onde o leitor lê de uma forma ou de outra, investindo em diferentes significados para os textos.

No entanto devemos considerar os questionamentos de ECO que diz: "Certas interpretações podem ser reconhecidas como mal sucedidas porque são como uma mula, isto é, incapazes de produzir novas interpretações ou por não poderem ser confrontadas com a tradição de interpretações anteriores" (1997; p. 177).

Os pactos de leitura, então, devem ser cuidadosamente avaliados pelo professor uma vez que é dentro da instituição escolar que o aluno terá maior acesso à produção literária. Este acesso e o interesse que os alunos demonstram pela leitura dos livros são o ponto de partida para um trabalho que só poderá ser realizado se os alunos tiverem um maior convívio com os textos, onde o trabalho do professor será vital para uma maior compreensão das leituras realizadas.

#### **4. TECNOLOGIAS INOVADORAS AUDIOVISUAIS E TELEMÁTICAS**

##### **4.1 Caminhos que facilitam a aprendizagem**

De acordo com Morais de tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa podemos extrair alguma informação ou experiência que nos impede ajudar a ampliar o nosso conhecimento,

para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista. Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, o escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial.

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido.

### **O docente como orientador/mediador de aprendizagem.**

O professor, com o acesso a tecnologias telemáticas, pode se torna um orientador, gestor setorial do processo de aprendizagem, integrando de forma equilibrada a orientação intelectual, a emocional e a gerencial. O professor é um pesquisador em serviço. Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador/mediador. Alguns princípios metodológicos norteadores:

Integrar tecnologias, metodologias, atividades. Integrar texto escrito, comunicação oral, escrita hipertextual, multimídia. Aproximar as mídias, as atividades, possibilitando que transmitam facilmente de um meio para o outro, de um formato para o outro. Experimentar as mesmas atividades em diversas mídias; Trazer o universo do audiovisual para dentro da escola; Variar a forma de dar aula as técnicas usadas em sala de aula e fora dela, as atividades solicitadas, as dinâmicas propostas, o processo de avaliação. A previsibilidade do que o docente vai fazer pode tornar-se um obstáculo intransponível. A repetição pode torna-se insuportável, a não ser que a qualidade do professor compense o esquema padronizado de ensinar...; Planejar e improvisar, prever e ajustar-se às circunstâncias, ao novo. Diversificar, mudar, adaptar-se continuamente a cada grupo, a cada aluno, quando necessário; Valorizar a presença no que ela tem de melhor é a comunicação virtual no que ela nos favorece equilibrar a presença e a distância, a comunicação “olho no olho” e a telemática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de interesse e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas.

O prazer proporcionado pelos livros começa a ser experimentado em idade pré-escolar, através da leitura de histórias e da leitura em voz alta, possibilitando a motivação para ler.

Para “induzir a leitura” são necessários vários métodos e medidas especiais: leitura na sala de aula, leitura e discussão em grupo, durante as quais os líderes estimulam os outros ou os induzem a imitá-los; leitura individualizada na sala de aula, durante a qual cada aluno experimenta a satisfação da discussão, num plano amistoso, com o professor.

Conforme Moran, na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, o comunicar-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social.

É importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação on-line.

Partir de onde o aluno está. Ajudá-lo a ir do concreto ao abstrato, do imediato para o contexto, do vivencial para o intelectual.

De acordo com Almeida (in Valente 1996, p.164), o professor que trabalha na educação com a informática há que desenvolver na relação aluno-computador uma mediação pedagógica que explicita em atitudes que intervenham para promover o pensamento do aluno, implementar seus projetos, compartilhar problemas sem apontar soluções, ajudando assim o aprendiz a entender, a analisar, testar e corrigir os erros.

Apontamos os novos desafios que a informática e a telemática estão trazendo para o avanço educacional dos povos, dependendo evidencialmente de forma como as usem. A diferença das técnicas em um processo de aprendizagem presencial a distância, e principalmente como podem essas técnicas ser mediadas de um processo de crescimento e desenvolvimento das pessoas.

## REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil. Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAMBERGER, Richard: **Como incentivar o hábito de leitura**, São Paulo, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise da Alfabetização**, por Bruno Bettelheim e Karem Zelan. Trad. de José Luiz Caon. Porto Alegre: Artes médicas, 1984.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986..

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1997.

ECO, Humberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 184 páginas.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão, Jean Foucambert**; trad. Bruno Charles Magne-Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 5ed. São Paulo: Associados, Cortez. 1984.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**, Campinas, SP: Papirus, 2000.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. **Tipos de Textos, Modos de Leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1998.